

O PILOTO SUMIU! E A UNIVERSIDADE TAMBÉM...

(Este artigo foi publicado no jornal O POVO em 21 de abril de 2015)

“Muitas vezes tentei fugir de mim. Mas aonde eu ia, eu tava!”. Esta marmota kafkiana do Deputado Tiririca, com o humor dialético da Itapipoca, nos faz refletir (após tirulipas gargalhadas) sobre a universidade brasileira. Afinal, o palhaço Tiririca é coerente em seus objetivos e, por vezes, surpreendente nas atitudes de deputado: votou contra a Terceirização, à revelia dos chamados “achacadores” (torpedaço que chacoalhou a Câmara).

Coerência em objetivos e surpreendência em atitudes parecem não estar na ordem do dia no desiluminismo por que passam as universidades no Brasil. Os destinos do país continuam reféns dos (maus) políticos quando deveriam pertencer aos seus cidadãos. A universidade deveria ser um dos guardiões, senão o melhor, desta pertença. Para tanto, a universidade teria que ser vanguarda. Uma universidade que não está à frente da sociedade não serve a ela, nem pra ela.

Universidade não é só conhecimento e diplomas que beneficiam seus portadores. O verbo universitar significa também chacoalhar o gigante em seu berço esplêndido, antes que ele seja achacado (vixe, pegou!). Não é à toa que a Academia fundada por Platão, trocentos anos a.C., é contestada como universidade por priorizar a difusão de conhecimentos ao invés do debate.

É uma pena ver nossos jovens alheios ao debate nacional. A ausência da universidade nas discussões e manifestações no país é um exemplo do seu distanciamento da sociedade. Uma universidade calada, a serviço do indivíduo e não do cidadão, é tão irracional quanto velhos bilionários que, embora saibam que um dia vão-se os dedos sem anéis, continuam fazendo tudo pelo seu magote, nenhum legado à sociedade.

Mas nem sempre foi assim. É preciso que meus alunos de hoje saibam (vou lhes dar uma cópia porque essa cyber geração não lê jornal) que a universidade teve seus dias de apetite pelas coisas e causas da sociedade. Bons tempo de DCE e seus movimentos estudantis, quando havia um sonho de “Esquerda” (o que é isso mesmo) sobre um mundo selvagem: a “universidade fazia a hora, não esperava acontecer”. Tempos do Pasquim, Vandrê, Frei Tito e outros “nojentos” pro regime civil-militar. Não fossem eles e a universidade excitada, a barbárie teria demorado mais.

Neste momento de turbulência é preciso que a Universidade (em maiúsculo) Brasileira, que já se importou mais com a sociedade, se quera à frente dela para, assim, melhor servi-la. Quem sabe o piloto da nave Brasília apareça!

Mauro Oliveira

Membro da Academia Aracatiense de Letras

Obs: o parágrafo em vermelho não foi publicado por questão da limitação de espaço